

“Acumulação primitiva” e avanço do capital na Amazônia: uma perspectiva marxista sobre a devastação ambiental causada pela “febre do ouro” às margens da rodovia interoceânica em Madre de Dios

“Primitive accumulation” and the expansion of capital into the Amazon: a marxist perspective on the environmental devastation caused by the “gold fever” on the boards of the interoceanic highway in Madre de Dios

DOI: [10.5752/P.2317-773X.2017v5.n3.p52](https://doi.org/10.5752/P.2317-773X.2017v5.n3.p52)

1. Doutorando em Relações Internacionais pelo programa de Pós-graduação ‘San Tiago Dantas’ (UNESP/UNICAMP/PUC-SP). Bolsista CAPES. Email: crsprado@gmail.com. ORCID: orcid.org/0000-0001-9366-6554.

Carlos Prado Filho¹

Recebido em: 31 de maio de 2017.

Aceito em: 11 de setembro de 2017.

RESUMO

O artigo visa contribuir com uma perspectiva marxista sobre o recente processo de aceleração da devastação ambiental causada pela mineração informal/ilegal de ouro no departamento de Madre de Dios (MdD), na Amazônia do Peru. Esta aceleração está relacionada cronologicamente a dois fatores: I) a construção da rodovia interoceânica, a primeira a cruzar esta área e a partir de onde foram abertas novas áreas de mineração; II) o ciclo de valorização recorde do ouro no período pós-crise de 2008. Com a finalidade de problematizar este processo como a transformação do espaço de floresta amazônica em um novo espaço de acumulação de capital, após uma introdução para melhor contextualizar a “febre do ouro” em MdD, o artigo propõe uma releitura em torno do conceito de “acumulação primitiva”, a partir do pensamento de Marx e outros atores marxistas. Entre estes, destaca-se a perspectiva geográfica de David Harvey em seu conceito “acumulação por espoliação”, sugerido para atualizar o debate em torno dos processos contemporâneos de acumulação de capital. A conclusão do trabalho está em demonstrar a validade de abordagens que identificam o caráter contínuo do processo de “acumulação primitiva” e apontar seu valor dialético para analisar as relações internacionais de contextos como a “febre do ouro” em MdD.

Palavras-chave: Acumulação Primitiva. Acumulação por Espoliação. Rodovia Interoceânica. Febre do Ouro. Madre de Dios.

ABSTRACT

This paper aims for a contribution of a Marxist perspective on the recent process of acceleration of the environmental devastation caused by informal/illegal gold mining in Madre de Dios (MdD) region, on the Amazon of Peru. This

acceleration is chronologically related with two factors: I) the construction of the interoceanic highway, the first highway to ever cross this area, establishing the path from where the new mining zones were open, II) the cycle of valorization and record prices of gold, especially on the post 2008 crisis period. Therefore, to approach this process of transformation of the amazon forest into a new space of capital accumulation, after an introduction that serves to better describe the context of the "gold fever" in MdD, this paper proposes a review of the concept of "primitive accumulation", departing from Marx's thinking and others Marxists authors. Among those, is highlighted the geographical perspective of David Harvey's concept of "accumulation by dispossession", suggested to update the debate concerning contemporary processes of capital accumulation. The conclusion of the paper is to demonstrate the validity of approaches that identifies the continuous character of the process of "primitive accumulation" in order to point out the dialect value of this approaches to investigate the international relations of contexts such as the "gold fever" in MdD.

Key-words: Primitive Accumulation. Accumulation by dispossession. Interoceanic Highway. Gold Fever. Madre de Dios.

Introdução

Existem espaços no mundo onde o capital ainda está por conquistar e se instalar plenamente. Um grande exemplo disto é a floresta Amazônica, tanto pela magnitude de sua preservação ambiental, como por toda a riqueza natural que esta conserva em vastas áreas ainda inexploradas pelo modo de produção capitalista. Mesmo passados mais de 500 anos de colonização do Novo Mundo, na Amazônia remanesçam espaços de "mata virgem" e refúgios de povos nativos livres (em isolamento voluntário), com muito pouco ou nenhum contato direto com o sistema capitalista. Assim, estes espaços e sociedades são como fronteiras para a acumulação de capital e, de certo modo, o fenômeno da globalização enquanto movimento de "mundialização do sistema capitalista" representa a pressão que o capital exerce sobre estas fronteiras.

Uma das formas do capital conquistar estes espaços e dominar estes povos começa primeiramente de acordo com aquilo que Karl Marx denomina de "a então chamada acumulação primitiva". Como veremos ao longo do artigo, entre outros aspectos, como a "violência extra-econômica", o segredo deste tipo de acumulação de capital, segundo Marx, se resume na "expropriação" ou "separação" entre o indivíduo e suas capacidades próprias de produção. Ao procurar aprofundar este tema, Rosa Luxemburg (2003) é uma das primeiras a apontar que este processo do capital trata especialmente da acumulação de capital sobre espaços e sobre sociedades que podem ser qualificadas como "pré-capitalistas".

Em grande medida, os modos de produção dos povos indígenas amazônicos se diferenciam do modo capitalista de produção por serem basicamente sistemas produtivos de "subsistência" e não de "acumulação", sendo assim, considerados como uma barreira local para a expansão do mercado mundial. Assim, a "separação" entre estes "povos da floresta" e seus modos de produção independentes é caracterizado por movimentos de resistência e pela violência que marca a espoliação das riquezas naturais, os conflitos pela posse das terras, a expulsão forçada ou esca-

vização, e a destruição da própria floresta, que representa as condições materiais e o espaço no qual estes povos se adaptaram e desenvolveram seus seculares modos de vida.

Para o capital alcançar as riquezas naturais da floresta e transformá-las em recursos naturais para a sustentação do modo capitalista de produção são antes necessárias infraestruturas, como rodovias, ferrovias, pontes e portos, que facilitam o acesso e reduzem o custo do tempo. Estas infraestruturas representam a fixação do capital no solo para promover a adaptação do espaço e torná-lo mais eficiente para a expansão geográfica da acumulação e circulação do próprio capital e dos trabalhadores. Na medida em que expressões como “tempo é dinheiro”, - apesar de certas vicissitudes geradas pelo próprio sistema capitalista, como filas e engarrafamentos que, de certo modo, acarretam em um “desperdício de tempo” -, procuram ditar grande parte do cotidiano dos trabalhadores e são também assumidas como um referencial para a competitividade do transporte e intercâmbio comercial entre países, a apropriação do espaço pelo capital resulta em processos que Marx denomina como “destruição do espaço pelo tempo” ou, conforme expressão de David Harvey (2006), “ajustes espaço-temporais”. Neste sentido, destaca-se as seguintes palavras de Marx (1858, p.721);

enquanto o capital, por um lado, tem de se empenhar para **derrubar toda barreira local do intercâmbio**, i.e., da troca, para conquistar toda a Terra como seu mercado, por outro, empenha-se para **destruir o espaço por meio do tempo**; i.e., para reduzir a um mínimo o tempo que custa o movimento de um local a outro. Quanto mais desenvolvido o capital, quanto mais distendido, portanto, o mercado em que circula, tanto mais ele se empenha simultaneamente para uma maior expansão espacial do mercado e para uma maior destruição do espaço pelo tempo. (MARX,1858, p.721, grifos do autor).

Na Amazônia, onde alguns espaços de florestas ainda são predominantes, é facilmente visível como a abertura de estradas faz parte deste processo de “destruição do espaço pelo tempo”, que Harvey (2006) também denomina de “produção capitalista de espaço”, e representa uma fase pioneira de maior apropriação do espaço de floresta pelo capital, gerando uma imediata aceleração da devastação ambiental concentrada logo às margens destas estradas.²

A partir do lançamento da iniciativa de “Integração de Infraestrutura Regional da América do Sul” (IIRSA), no ano de 2000, ganhou impulso uma nova fase da “produção capitalista de espaço” na Amazônia. De acordo com uma perspectiva “geoeconômica”, orientada por princípios neoliberais, como o “regionalismo aberto”, a iniciativa visa à edificação de corredores transnacionais de transporte, denominados “Eixos de Integração e Desenvolvimento” (EIDs). Estes “eixos” representariam os caminhos mais bem avaliados para a instalação de infraestruturas modernas e superação de “obstáculos geográficos” que historicamente dificultaram o transporte de mercadorias pela América do Sul, como a Cordilheira dos Andes e a floresta Amazônia. Conforme um dos documentos fundantes da IIRSA, de autoria das 3 instituições financeiras que inicialmente elaboraram a proposta da iniciativa, estes “eixos” facilitarão “o acesso a zonas de alto potencial produtivo que se encontram atualmente isoladas ou subutilizadas devido à deficiente oferta de serviços básicos de trans-

2. Na Amazônia brasileira este padrão é evidente, conforme estudos apontam que cerca de 90% da devastação ambiental desta região concentra-se em uma faixa de 100 quilômetros ao redor do percurso das principais estradas abertas em meio à floresta. (ALVES, 2001, p.262).

porte, energia ou telecomunicações”, organizando o território continental em “faixas multinacionais que concentram fluxos de comércio atuais e potenciais”, onde se pretende assim, “estabelecer um padrão mínimo comum de qualidade de serviços de infraestrutura”. (INTEGRAÇÃO DA INFRA-ESTRUTURA REGIONAL NA AMÉRICA DO SUL, 2003).

Assim, com o intuito de transformar o espaço amazônico em um espaço da economia global, os megaprojetos de infraestrutura e o modelo de ordenamento espacial proposto pela IIRSA, preveem a construção das condições materiais necessárias à uma nova fase do avanço do modo de produção capitalista para rincões praticamente inexplorados pelo capital nas áreas de fronteira da Amazônia. Desta forma, segundo o geógrafo Porto-Gonçalves (2011), a IIRSA atualiza vários “mitos colonizadores” ligados à ideia de “conquista do espaço”, como se o mapa da América do Sul estivesse configurado por áreas de “vazios demográficos” e “ilhas isoladas”. Desconsidera-se assim, por exemplo, o valor do processo histórico de resistência dos povos nativos americanos e a presença de outras sociedades que se apropriam do espaço amazônico de outras formas e em outros ritmos que não aqueles ditados pelo capital. Nas palavras do autor,

ignorar a “região” e privilegiar os “fluxos” que circulam pelos “eixos” implica reconfigurar, desconfigurar e configurar blocos de poder. Além disso, ao privilegiar uma integração regional na perspectiva das oportunidades que se abrem nos mercados mundiais, não se parte das realidades locais a serem viabilizadas e, deste modo, são ignorados os grupos sociais que se forjam nestas escalas, os quais tendem a aparecer como obstáculos a este projeto.” (PORTO-GONÇALVES, 2011, p.137).

Neste sentido, identifica-se também na proposta de “integração” e “desenvolvimento” apregoado pelo modelo de ordenamento territorial da IIRSA uma forma de “colonialismo interno”, conforme os termos empregados por Stavenhagen (1981, p.17) para descrever a forma pela qual o tipo de relações estabelecidas no passado colonial da América, entre colônias e metrópoles, se repete dentro dos próprios países latino-americanos entre “pólos de crescimento” - como o são por exemplo as grandes zonas urbanas nacionais -, em relação a zonas consideradas “arcaicas” ou “isoladas” do restante do país - como muitas áreas da Amazônia, especialmente aquelas regiões próximas às fronteiras entre os territórios nacionais. Nas palavras do autor,

En la actualidad, la misma relación subsiste. Lo importante no es la existencia de dos “sociedades”, es decir, de dos polos que contrastan entre sí en términos de diversos índices socioeconómicos, sino *las relaciones* que existen entre estos dos “mundos”[...] Además, estas zonas “arcaicas” son generalmente exportadoras de materias primas, también baratas, a los centros urbanos y al extranjero. [...] En otras palabras, en las áreas “arcaicas” o “tradicionales” de nuestros países acontece lo mismo que en los países coloniales con respecto a las metrópolis. Las regiones subdesarrolladas de nuestros países hacen las veces de *colonias internas* y en vez de plantear la situación en los países de América Latina en términos de “sociedad dual” convendría más plantearla en términos de *colonialismo interno*. (STAVENHAGEN, 1981, p.17)

No mapa da América do Sul, especialmente nestas áreas de fronteira entre os países que compartilham a Amazônia, a histórica ausência de uma malha rodoviária que facilite o acesso e a ligação

terrestre favoreceu à predominância da paisagem de floresta sobre o desenvolvimento de atividades econômicas, conseqüentemente servindo de melhor ambiente para os povos indígenas. Porém, a partir da construção de “eixos” transfronteiriços, o planejamento territorial da IIRSA visa justamente a superação desta lacuna de infraestrutura nestas áreas.

Um dos mais emblemáticos projetos da IIRSA são as obras da rodovia interoceânica no departamento amazônico de Madre de Dios (MdD), no Peru, iniciadas em 2006 e concluídas no ano de 2011, quando foi inaugurada a maior ponte fluvial do país, a Ponte Continental (722 metros) sobre o Rio Madre de Dios. Apesar de estar no meio da Amazônia e, portanto, distante milhares de quilômetros dos oceanos, a rodovia foi assim denominada porque era a parte que faltava para complementar uma malha rodoviária que cruza o continente e chega até os oceanos. Esta é também a primeira rodovia estabelecida neste departamento amazônico do território peruano e o único caminho pavimentado de conexão terrestre que liga os territórios de Peru e Brasil. Entre as motivações declaradas pelos governos de ambos países que levaram à priorização deste projeto dentro do âmbito da IIRSA está a concretização de um “portal” de escoamento de produtos brasileiros diretamente no Oceano Pacífico.

Atualmente, o território do departamento de MdD representa uma das regiões de maior biodiversidade no nosso planeta, sendo território de mais de 30 comunidades nativas e grandes áreas de reservas naturais andino-amazônicas que fazem parte do Corredor de Conservação Vilcabamba-Amboró³. Além disto, algumas partes de MdD são também áreas de trânsito e refúgio para os denominados “povos nativos em isolamento”, como os *mashco piro*.⁴

Ao longo da última década, esta parte do território amazônico está sofrendo um intenso processo de aceleração da devastação ambiental e uma série de transformações sociais, econômicas e políticas, causadas principalmente pelo avanço da mineração ilegal/informal de ouro e por um intenso fluxo migratório de pessoas de outras regiões que são atraídas pela maior acessibilidade gerada pela rodovia e pela grande oferta de trabalho e renda gerados por esta atividade. Este avanço da mineração está correlacionado cronologicamente a dois fatores que, apesar de independentes entre si, atuam em um mesmo sentido na aceleração destas transformações:

A inauguração do projeto e conclusão das obras de pavimentação e construção de inúmeras pontes que conformam o projeto da rodovia interoceânica, cujo incremento logístico facilitou sobremaneira o acesso de mineradores e suas máquinas para o interior do território de MdD, consolidando a abertura de um caminho a partir de onde foram instalados novos assentamento de mineradores e abertas as novas áreas de mineração no meio da floresta e;

As sucessivas valorizações do ouro no mercado mundial, especialmente no período pós-crise de 2008, quando este metal precioso passou a funcionar como uma reserva mais segura de valor (“safe heaven”) frente à desvalorização do dólar dos Estados Unidos da América (EUA) e atin-

3. Este corredor se estende pela faixa de transição andino-amazônica tropical entre Peru e Bolívia e é formado por inúmeras reservas territoriais, como parques e reservas nacionais e terras indígenas e comunais. Entre outras qualidades, devido à grande quantidade de vida e de carbono presente em suas florestas e sua importante participação no processo natural de diminuição de dióxido de carbono na atmosfera, estas áreas são reconhecidas internacionalmente como um “hotspot” para a diminuição do aquecimento global.

4. Segundo a *Federación Nativa del Rio Madre de Dios y Afluentes* (FENAMAD): “Son aquellos pueblos o parte de estos que han optado por no establecer relaciones con el resto de la sociedad por motivos de seguridad, en vista que han sobrevivido a experiencias traumáticas como epidemias, esclavitud y matanzas durante la época de la explotación del caucho en la Amazonía. Los pueblos aislados viven en bosques tropicales y/o zonas de difícil acceso no transitadas, lugares que muy a menudo cuentan con grandes recursos naturales. Para estos pueblos el aislamiento no ha sido una opción voluntaria sino una estrategia de supervivencia.” (FEDERACIÓN NATIVA DEL RIO MADRE DE DIOS Y AFLUENTES, 2016).

giu preços recordes⁵. Concomitantemente, esta valorização aumentou sobremaneira a rentabilidade da atividade mineradora⁶, mesmo aquela praticada em menores escalas e em regiões distantes, atraindo grande contingente de mão-de-obra⁷ para MdD.

Vale destacar que este não é um contexto inédito na Amazônia. De tempos em tempos, surge em determinada região do espaço amazônico uma nova “febre do ouro”, cuja conjuntura é marcada por características pontuais que configuram um intenso ciclo extrativista.⁸ Entre as últimas experiências deste tipo na Amazônia está a “febre do ouro” da década de 1980 em locais como “Serra Pelada” e a invasão de garimpeiros na terra indígena dos Yanomami. Quando os “comedores de terra-floresta”⁹ ali chegaram, a Amazônia brasileira vivenciava os impactos dos projetos de infraestrutura e integração territorial da ditadura militar sob o mote de “integrar para não entregar”, entre eles a rodovia federal BR-210, cujo trajeto se estende até a entrada das terras Yanomami.

Neste mesmo período, o ouro passou por uma valorização vertiginosa no mercado mundial, em grande parte devido aos acontecimentos que marcaram a crise mundial dos anos 1970 e levaram ao fim dos acordos de Bretton Woods e fim do padrão ouro-dólar (US\$ 35/onça), culminando no recorde de US\$ 850/onça no ano de 1980. Nesta época, segundo o antropólogo Bruce Albert (1995, p.6), a “febre do ouro” fez da mineração atividade econômica dominante na Amazônia brasileira, representando um novo ciclo extrativista posterior ao *boom* da borracha, “ocupando cerca de meio milhão de garimpeiros e produzindo, em 1987, aproximadamente cento e vinte toneladas de ouro, colocando o Brasil em terceiro lugar na produção aurífera mundial”.

De modo análogo, a atual valorização do ouro no mercado mundial somada ao incremento logístico garantido pela rodovia interoceânica são dois dos principais aspectos que contribuíram para a “febre do ouro” se instalar em Madre de Dios. Conforme dados levantados por pesquisas de monitoramentos via imagens de satélites e também de sobrevoos das áreas circundantes à rodovia interoceânica em MdD, as taxas de devastação ambiental causada pela mineração aumentaram exponencialmente no período referente ao início das obras da rodovia e ao aumento do preço do ouro. De acordo com o primeiro mapeamento fornecido por Swenson et al. (2011), cerca de 6.600 hectares (ha) haviam sido desflorestados entre 2003 e 2009. Entre 2003 e 2006 a taxa foi de 292 ha/ano, enquanto entre 2006 e 2009, quando começaram a surgir novas zonas de garimpo, como o rastro de onze quilômetros de devastação deixado pela mineração sobre a microbacia de Huacamayo¹⁰, a taxa teve um aumento de mais de seis vezes, chegando a 1.915 ha/ano. Neste sentido, vale destacar que desde o início das obras da rodovia no ano de 2006, a possibilidade de trafegar pela antiga estrada de terra já havia aumentado consideravelmente, conforme a denominada “*clausula de transitabilidad*”, que obrigava a empresa concessionária a manter um nível de trafegabilidade satisfatório por todo o trecho por onde a rodovia seria implementada desde o período inicial do contrato de concessão, já facilitando, assim, a chegada e o assentamento de mineradores e suas máquinas de mineração em novas áreas no interior de MdD.¹¹

5. Entre o final do ano de 2008 e fins de 2011, a valorização do ouro foi praticamente contínua e seu preço de negociação aumentou 100%, passando de 30 dólares o grama para atingir o recorde histórico de 60 dólares o grama. Fonte para consulta do preço do ouro: (GOLD, 2017). Para maiores detalhes sobre a relação entre o dólar e a cotação do ouro, ver: OXFORD ECONOMICS. The impact of inflation and deflation on the case for gold. 2011.

6. Conforme estimativa da “Defensoria del Pueblo” do Peru, em reportagem do “El País”: “Los mineros trabajan 24 horas seguidas y descansan 12, en duras condiciones... Todo por un salario deslumbrante en Perú. “En una semana un minero gana unos 7.000 soles (2.180 euros), cuando el salario medio es de 2.000 soles al mes (625 euros)”, explica Enrique Muñoz, comisionado de la Defensoría del Pueblo.” (RELEA, 2012).

7. Atualmente, apesar de distante dos demais centros populacionais e localizada em uma região considerada remota, Puerto Maldonado, capital de Madre de Dios, é a terceira cidade que mais cresce no Peru – com médias anuais de mais de 3%, que representam um crescimento de aproximadamente 3 mil pessoas por ano. (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADISTICA E INFORMATICA, 2015)

8. Ver em: VEIGA, Marcello Mariz da; SILVA, Alberto Rogério Benedito da; HINTON, Jennifer J. O garimpo de ouro na Amazônia: aspectos tecnológicos, ambientais e sociais. In: TRINDADE, Roberto de Barros Emery; BARBOSA FILHO, Olavo (Ed.). Extração de ouro: princípios, tecnologia e meio ambiente. Rio de Janeiro: Centro de Tecnologia Mineral, 2002. Cap. 11, p. 277-305.

9. Expressão da cosmologia Yanomami utilizada para caracterizar a mineração de ouro, extraída dos relatos presentes no texto de ALBERT, Bruce. Ouro canibal e a queda do céu: uma crítica xamânica da economia política da natureza (o). Brasília: Universidade de Brasília, 1995. (Serie antropologia/universidade de brasilia; 0174)

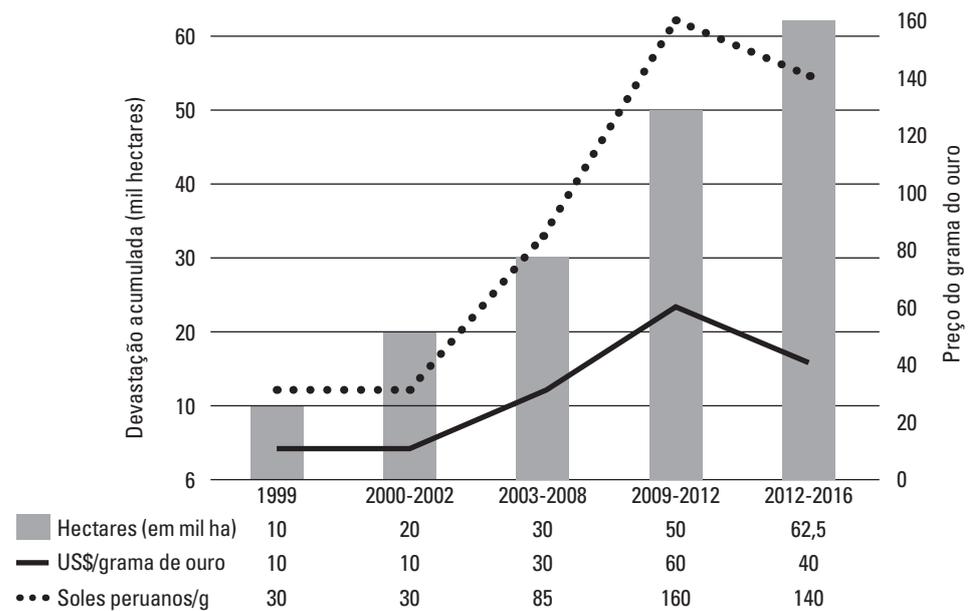
10. A devastação causada pela mineração nestas novas áreas de garimpo pode ser vista através do serviço de mapeamento online do *Google Maps*, nas seguintes coordenadas: <https://www.google.com.br/maps/@-12.8609937,-70.0136858,10942m/data=!3m1!1e3> Acesso em: 30 out.2017

11. Conforme informes do andamento das obras encontrados no *Organismo Supervisor de la Inversión en Infraestructura de Transporte* (OSITRAN, 2017),

Por sua vez, um novo mapeamento, realizado por Asner et al. (2013), calcula que no período entre os anos de 1999 e 2012, o aumento da devastação causado pela mineração em MdD foi de 400%, passando de 10 mil ha para mais de 50 mil ha. O estudo também calcula que o aumento da taxa anual média de devastação triplicou de 2.166 ha/ano até o ano de 2008, para uma taxa média de 6.145 ha/ano entre o período 2008-2012. Neste sentido, estes novos dados reforçam o vínculo temporal entre a expansão da atividade mineradora em MdD e o aumento vertiginoso da demanda internacional e valorização do preço do ouro no período pós-crise de 2008. Assim, de acordo com os dados de Arroyo (2014, p.64), a devastação de novas áreas de mineração, abertas logo às margens do trajeto estabelecido pela rodovia e vinculadas ao famigerado assentamento de “La Pampa”¹², apesar de terem surgido apenas a partir do ano de 2006, já representavam, no ano de 2012, uma área superior à toda devastação sofrida por MdD no passado. Atualmente, segundo o *Monitoring the Andean Amazon Project (MAAP)*, a devastação em MdD alcançou mais de 62 mil hectares no ano de 2017. (FINER; OLEXY; NOVOA, 2016).

12. Localizado entre a altura dos quilômetros 107 e 117 da rodovia, a assentamento de “La Pampa”, assim denominada por causa de sua paisagem que revela um campo aberto no meio da floresta, serve como “entreposto logístico” de sustentação para a mineração considerada ilegal em MdD. Ministério do Ambiente (MINAM). (PERU, 2017).

Gráfico 1 – Comparção entre o aumento da devastação ambiental e o aumento do preço do ouro (1999 - 2016)



Fonte: Elaborado pelo autor, com valores aproximados do preço do ouro referente ao último ano do período, extraídos da Goldprice (2002), dados referentes à devastação ambiental extraídos de Finer, Olexy, Novoa (2016; 2017) e de Asner et al. (2013).

Entre algumas características pontuais, a “febre do ouro” em Madre de Dios invade áreas destinadas a preservação ambiental e supostamente protegidas pelo Estado, como a Reserva Nacional de Tambopata, e territórios indígenas, como a Reserva Comunal Amaraakaeri, além de propriedades privadas, como concessões de ecoturismo e agroflorestamento ao longo da rodovia interoceânica, que também foram tomadas pela mineração. Aproveitando-se de uma relativa ausência do poder de controle do Estado, toda a mineração em MdD é praticada de modo in-

formal ou ilegal, o que significa que não contribui com os devidos impostos e não cumpre com nenhuma legislação ambiental ou trabalhista, podendo assim, auferir lucros ainda maiores a partir de uma exploração completamente irresponsável. Não se trata de uma atividade praticada por empresas, mas sim por milhares de trabalhadores pobres que chegam para trabalhar informalmente para patrões mineradores que detêm os meios de produção como equipamentos e a posse das terras, na maioria das vezes baseada no uso da força. Ali, como em muitas outras regiões relativamente isoladas da Amazônia, a ineficiência do Estado favoreceu a formação de uma economia de "capitalismo selvagem", onde "sicários" formam grupos armados que disputam pelo ouro e pelo estabelecimento de um poder paralelo de controle sobre as áreas de mineração.¹³

Estudos apontam que a mineração ilegal de ouro no Peru movimentou valores que atualmente superam as quantias movimentadas pelo narcotráfico no país, além de estar ligada a várias outras atividades ilegais, como o trabalho forçado, o aliciamento de menores de idade para a prostituição, o contrabando internacional de ouro, corrupção e lavagem de dinheiro.¹⁴ Por estes motivos, a partir do ano de 2013, a mineração ilegal, cujo epicentro é em Madre de Dios, foi incluída como um dos delitos compreendidos pela "Ley Contra el Crimen Organizado", no Peru.¹⁵

Investigações policiais sobre os destinos do ouro ilegal de Mdd apontam para a participação direta de refinarias estrangeiras na compra do ouro e financiamento da atividade.¹⁶ Algumas das refinarias investigadas fazem parte do *London Bullion Market Association* (LBMA), uma associação internacional que reúne as principais refinarias de ouro no mundo e que, entre outros serviços, é responsável por fornecer selos de qualidade, autenticidade e proveniência para a comercialização do ouro no mercado mundial. Entre as descobertas da investigação estão lingotes de ouro apreendidos no aeroporto de Lima e depósitos bancários provenientes de refinarias da Suíça e dos Estados Unidos destinados a mineradores ilegais de Mdd investigados pela polícia peruana por evasão fiscal.¹⁷

Doravante, visando situar este contexto de Madre de Dios em uma perspectiva marxista, primeiramente o artigo sugere uma releitura sobre o conceito de "acumulação primitiva", aprofundando a análise de suas origens no pensamento de Karl Marx e destacando as abordagens de autores marxistas que ajudam a identificar o caráter contínuo desta forma de acumulação de capital e seu aspecto geográfico. Em seguida, são destacados alguns elementos que reforçam este aspecto geográfico e formam a ideia de "acumulação por espoliação", sugerida por David Harvey, como uma atualização do conceito de "acumulação primitiva".

Uma releitura conceitual da "acumulação primitiva"

Karl Marx em sua obra *O Capital* apresenta uma tipificação sobre o conceito da acumulação de capital, especificando de forma breve aquela que o autor denomina de "A assim chamada acumulação primitiva.", no capítulo XXIV, do Livro Primeiro, Tomo 2. (MARX, 1996, p.339) Como em Marx, análises de autores marxistas tradicionais utilizaram desta tipificação para identificar na "acumulação primitiva" a ideia de um processo

13. Ver em: CINCO bandas de sicarios se disputan el oro ilegal que se extrae en La Pampa. *La República*, 4 Jul. 2016.

14. Ver em: The Global Initiative against Transnational Organized Crime. *Organized Crime and Illegally Mined Gold in Latin America*. 2016. (GLOBAL INITIATIVE AGAINST TRANSNATIONAL ORGANIZED CRIME, 2016)

15. Ley nº 30077, de 20 de Agosto de 2013. (PERÚ, 2013)

16. Ver em: FRIEDLI, Anna; WIEDMER, Christoph (Ed.). *The responsibility of the gold refineries in human rights violation and illegal activities in Peru*. STP-report. 2014.

17. CASTILLA, Óscar; AMANCIO, Nelly Luna; LÓPEZ, Fabiola Torres. *Oro sucio: la pista detrás del London Bullion Market: La historia secreta de las compañías que financiaron con millones de dólares la compra del oro ilegal en Sudamérica*. *Ojo Público*, 9 jun. 2015

histórico que deu origem às bases fundamentais do modo de produção capitalista. Outras análises procuraram explorar as características desta ideia marxiana para aprofundar um debate que visa atualizar esta tipificação e discutir as formas assumidas pelo processo contemporâneo de acumulação de capital. O desenvolvimento de tal debate se deve, em partes, ao entendimento de que, na própria obra de Marx, esta tipificação aparece em formatos variados e possibilita diferentes formas de abordagem.

O conceito de “acumulação primitiva” em Marx

Sendo o capitalismo um modo de produção desenvolvido pelo homem, ele certamente tem uma origem, uma história de nascimento. Neste sentido, a “acumulação primitiva” pode ser entendida como uma pré-acumulação de capital investida no sistema de produção, noção esta que aparece, em outras palavras, pela primeira vez na obra de Adam Smith, quando se refere a “acumulação prévia” ou, “acumulação de estoque”, como um processo necessário e anterior à divisão do trabalho. (SMITH, 1996, p.285). Em certa medida, Marx assume a noção sobre este tipo de acumulação em sentido semelhante ao de Smith, quando afirma ser esta “precedente à acumulação capitalista, uma acumulação que não é resultado do modo de produção capitalista, mas sim seu ponto de partida.” (MARX, 1996, p.339).

Entretanto, em sua obra, Marx aborda esta noção sobre o que denomina de “o segredo da assim chamada acumulação primitiva”, diferenciando-se pelo tratamento do conceito de capital enquanto relação de classes ao invés da noção de capital como simples “estoque” ou “dinheiro”. Neste sentido, o autor resume a denominada “acumulação primitiva” à “nada mais que o processo histórico de separação entre produtor e meio de produção”:

A relação-capital pressupõe a separação entre os trabalhadores e a propriedade das condições da realização do trabalho. Tão logo a produção capitalista se apoie sobre seus próprios pés, não apenas conserva aquela separação, mas a reproduz em escala sempre crescente. Portanto, o processo que cria a relação-capital não pode ser outra coisa que o processo de separação do trabalhador da propriedade das condições de seu trabalho, um processo que transforma, por um lado, os meios sociais de subsistência e de produção em capital, por outro, os produtores diretos em trabalhadores assalariados. A assim chamada acumulação primitiva é, portanto, nada mais que o processo histórico de separação entre produtor e meio de produção. Ele aparece como “primitivo” porque constitui a pré-história do capital e do modo de produção que lhe corresponde. (MARX, 1996, p.340)

Assim, uma vez desprovido dos modos de produção, aos sujeitos da classe trabalhadora resta a capacidade de trabalho como único meio de produção “inseparável”. Nestas condições, a partir dos processos de “acumulação primitiva” a capacidade produtiva do homem, apesar de inseparável, pode então ser “alienada” e mensurada em termos de trabalho assalariado. Nas palavras de Marx:

O que faz época na história da acumulação primitiva são todos os revolucionamentos que servem de alavanca à classe capitalista em formação; sobretudo, porém, todos os momentos em que grandes massas humanas são arrancadas súbita e violentamente de seus meios de subsistência e lançadas no mercado de trabalho como proletários livres como os pássaros... Trabalhadores livres no duplo sentido, porque não pertencem diretamente aos meios de produção, como os escravos, os servos etc., nem os meios de produção lhes pertencem, como, por

exemplo, o camponês economicamente autônomo etc., estando, pelo contrário, livres, soltos e desprovidos deles. (MARX, 1996, p.341-342)

Segundo Angellis (1999, p.7), em Marx, a ideia de “separação” se aplica tanto ao processo de “acumulação primitiva” como a “acumulação de capital” propriamente dita, porém, com algumas distinções relativas ao processo histórico. Uma delas é que a “acumulação primitiva” deve ser vista como a base histórica e não como o resultado do modo de produção capitalista, ou seja, “um implica a produção da separação, enquanto o outro, implica a reprodução da separação em escala ampliada.” (ANGELLIS, 1999, p.9)

O caráter de originalidade desta primeira “produção da separação” está também nas condições e circunstâncias do próprio tempo de sua ocorrência. É neste sentido que Marx alude a “acumulação primitiva” como o “pecado original” da economia política. Assim como Adão e Eva condenaram a humanidade ao cometer o pecado original, uma vez que a “acumulação primitiva” origina a separação entre trabalhadores e meios de produção, o sistema econômico está também condenado às leis do capitalismo e o capital passa a criar suas próprias condições de existência, reproduzindo, expandindo e intensificando esta “separação”. Segundo Marx (1996, p.339),

Essa acumulação primitiva desempenha na Economia Política um papel análogo ao pecado original na Teologia. Adão mordeu a maçã e, com isso, o pecado sobreveio à humanidade. Explica-se sua origem contando-a como anedota ocorrida no passado. Em tempos muito remotos, havia, por um lado, uma elite laboriosa, inteligente e sobretudo parcimoniosa, e, por outro, vagabundos dissipando tudo o que tinham e mais ainda. A legenda do pecado original teológico conta-nos, contudo, como o homem foi condenado a comer seu pão com o suor de seu rosto; a história do pecado original econômico no entanto nos revela por que há gente que não tem necessidade disso. Tanto faz. Assim se explica que os primeiros acumularam riquezas e os últimos, finalmente, nada tinham para vender senão sua própria pele. E desse pecado original data a pobreza da grande massa que até agora, apesar de todo seu trabalho, nada possui para vender senão a si mesma, e a riqueza dos poucos, que cresce continuamente, embora há muito tenham parado de trabalhar. (MARX, 1996)

Dentre estas circunstâncias e condições que formam o cenário da “acumulação primitiva”, Marx indica que a primeira produção da “separação” implica uma “violência extra-econômica” ou forças sociais externas às “puras” leis econômicas. Enquanto para Marx (1996, p.359), na acumulação de capital a reprodução da “separação” se assenta sobre “a muda coação das condições econômicas [que] selam o domínio do capitalista sobre o trabalhador”, no caso da acumulação primitiva a separação é primariamente “imposta” através de “forças diretas extra-econômicas”, caracterizada por um processo social de maior violência ou, uma face da acumulação de capital onde a “produção” da “separação” revela-se explícita e “a história dessa sua expropriação está inscrita nos anais da humanidade com traços de sangue e fogo.” (MARX, 1996, p.340)

O caráter contínuo da acumulação primitiva sobre espaços e sociedades “pré-capitalistas”

Na obra de Marx, o conceito de acumulação primitiva não ocupa um lugar com a mesma importância do conceito de acumulação de capital para o entendimento das contradições do sistema capitalista. Na inter-

pretação de Perelman (2000, p.30) trata-se de uma escolha estratégica feita por Marx para não desviar o leitor da essência do capital. Para o autor, no pensamento de Marx:

Ele estava convencido de que as alegadamente imparciais forças do mercado produziam mais crueldade do que os métodos crus e arbitrários da acumulação primitiva. Enfatizar a acumulação primitiva seria uma forma de sabotar a crítica de Marx ao capitalismo. Marx não teria desejado que seus leitores acreditassem que medidas para eliminar instâncias “injustas” da acumulação primitiva seriam suficientes para originar uma boa sociedade. [...] Pelo contrário, Marx insistiu em afirmar que a lei de oferta e demanda, não a acumulação primitiva, era responsável pela maior parte das horríveis condições vivenciadas pela classe trabalhadora.¹⁸ (PERELMAN, 2000, p.30, tradução própria.)

18. Citação no idioma da obra de referência, Perelman, (2000, p.30): “he was convinced that allegedly impartial market forces produced more cruelty than the crude and arbitrary methods of primitive accumulation. To emphasize primitive accumulation would have undermined Marx’s critique of capitalism. Marx would not have wished his readers to believe that measures to eliminate “unjust” instances of primitive accumulation might suffice to bring about a good society. [...] On the contrary, Marx insisted that the law of supply and demand, not primitive accumulation, was responsible for the better part of the horrible conditions that the working class experienced.”

Esta menor importância dada ao conceito de “acumulação primitiva” permitiu a autores marxistas o desenvolvimento de novas interpretações a partir do pensamento marxiano e suas definições. Dentre estes, Rosa Luxemburg em sua obra, *A acumulação de capital*, procura aprofundar o conceito de “acumulação”, fornecendo uma primeira interpretação sobre o “caráter contínuo da acumulação primitiva”. Para a autora, assim como em Marx, “a emancipação da força de trabalho destas condições sociais primitivas e sua absorção pelo sistema assalariado capitalista é uma base histórica indispensável do capitalismo” (LUXEMBURG, 2003, p.343). Apesar de reconhecer em Marx a reafirmação da exclusividade e universalidade da dominação do modo de produção capitalista, segundo Luxemburg (2003, p.348), a existência e desenvolvimento do capitalismo, mesmo em sua maturidade plena, depende de um ambiente onde existam também espaços com modos de produção “não-capitalistas”, “onde o capital pode encontrar um mercado para o seu excedente, uma fonte de fornecimento para seus meios de produção e uma reserva de força de trabalho para seu sistema de trabalho assalariado.”

Assim, conforme a autora, existem dois aspectos diferentes da acumulação. Um concerne o mercado de commodities onde a acumulação produz a mais-valia através de um processo puramente econômico de transação entre o capitalista e o trabalhador assalariado. Neste processo, a paz, propriedade e igualdade prevalecem a qualquer custo dentro dos limites do mercado e é necessária uma dialética aguçada na análise científica para expor como o direito à propriedade se transforma em apropriação da propriedade de outros e como o intercâmbio comercial atua na exploração e a igualdade se torna luta de classes. O outro aspecto da acumulação diz respeito às relações entre capitalismo e modos de produção não-capitalistas, visíveis especialmente no palco internacional sob o formato de políticas coloniais, guerras e um sistema de empréstimo baseado em políticas de interesse. Segundo a autora, neste aspecto da acumulação, a força, fraude, opressão e a pilhagem são explícitos, sem nenhuma tentativa de dissimulação, sendo então necessário um esforço científico inverso ao primeiro aspecto, voltado para descobrir como se inserem as duras leis do processo econômico dentro deste emaranhado de violência política e disputa por poder. (LUXEMBURG, 2003, p.342).

Neste sentido, a autora assume que uma parte do planeta ainda se encontra nas mãos destas sociedades com modos de produção “não-capitalistas”. Além disso, a autora defende inclusive que o capital depende

da existência destas sociedades, onde as “condições primitivas permitem medidas bem mais duras do que aquelas que seriam toleradas sob condições sociais puramente capitalistas.” (LUXEMBURG, 2003, p.346) Assim, Luxemburg (2003, p.350) destaca que no final da Idade Média, quando a história do capitalismo começou na Europa, a acumulação primitiva sob a forma de expropriação de camponeses foi a arma mais arrebatadora na transformação dos meios de produção e da força de trabalho em capital e continua afirmando ainda que o capital desempenha a mesma tarefa mesmo hoje em dia, e em uma escala ainda mais importante, através de políticas coloniais modernas. Para a autora é uma ilusão acreditar que o capital algum dia se contente com os meios de produção que pode adquirir através da troca de commodities, uma vez que vastos espaços do globo estão em posse de organizações sociais, como comunidades nativas, que não desejam este tipo de troca ou não podem oferecer para venda as forças produtivas que interessam ao capital, devido à estrutura social e formas de propriedade comunitária. (LUXEMBURG, 2003, p.350-351)

Entre estas forças produtivas, destaca-se a primordial importância da terra, com seus tesouros minerais, campos, florestas e água que não podem ser vendidos, principalmente quando são parte de um território indígena ou de uma reserva ambiental. Neste sentido, como exemplo do processo de “acumulação primitiva”, o capital começa por abalar a organização social e destruir as condições materiais básicas de existência destes povos nativos. Nas palavras da autora este processo ainda está em andamento;

A mais importante destas forças produtivas é com certeza a terra, com seus tesouros minerais escondidos, e seus campos, madeiras e água, e mais os rebanhos de tribos primitivas de pastoreio. Se o capital estivesse aqui para contar apenas com o lento processo de desintegração interna, isto poderia demorar séculos. Esperar pacientemente até que os meios de produção mais importantes possam ser alienados pela compra e venda como consequência destes processos seria equivalente a renunciar às forças produtivas destes territórios de uma só vez. Logo, deriva disto uma necessidade vital do capitalismo em aliar-se com países coloniais para se apropriar dos meios mais importantes de produção. Uma vez que as associações primitivas dos nativos são a proteção mais forte de suas organizações sociais e de sua base material de existência, o capital deve começar por planejar a destruição sistemática e aniquilação de todas unidades sociais não-capitalistas que obstruem seu desenvolvimento. Com isto nós passamos além do estágio de acumulação primitiva; **este processo ainda está em andamento**. Cada nova expansão colonial é acompanhada, aliás, por uma batalha implacável do capital contra os laços econômicos e sociais dos nativos, cujos meios de produção e força de trabalho são também forçosamente roubados.¹⁹ (LUXEMBURG, 2003, p.351, tradução e grifos próprios.)

Apesar desta obra de Rosa Luxemburg referir-se a um contexto de cerca de um século atrás, publicada em 1913, ainda hoje assume-se aqui que existem muitos territórios nas mãos de sociedades não-capitalistas. Notadamente, uma grande porção da Amazônia está ainda nesta situação, são territórios comunais e/ou indígenas, reservas e parques naturais destinados a preservação ambiental, ou mesmo partes da floresta ainda inabitadas e dificilmente acessíveis pelo homem. A maior prova do caráter pré-capitalista destes espaços é a própria preservação ambiental destes, que não condiz com a paisagem dos espaços dominados pelo capital, e também a presença dos denominados povos nativos livres ou em iso-

19. Citação no idioma da obra de referência, Luxemburg (2003, p.350): “The most important of these productive forces is of course the land, its hidden mineral treasure, and its meadows, woods and water, and further the flocks of the primitive shepherd tribes. If capital were here to rely on the process of slow internal disintegration, it might take centuries. To wait patiently until the most important means of production could be alienated by trading in consequence of this process were tantamount to renouncing the productive forces of those territories altogether. Hence derives the vital necessity for capitalism in its relations with colonial countries to appropriate the most important means of production. Since the primitive associations of the natives are the strongest protection for their social organizations and for their material bases of existence, capital must begin by planning for the systematic destruction and annihilation of all the non-capitalist social units which obstruct its development. With that we have passed beyond the stage of primitive accumulation; this process is still going on. Each new colonial expansion is accompanied, as a matter of course, by a relentless battle of capital against the social and economic ties of the natives, who are also forcibly robbed of their means of production and labour power.”

lamento voluntário que habitam refúgios como a Reserva Territorial de Madre de Dios na Amazônia peruana.

Assim sendo, conforme a comprovação da existência destas áreas “pré-capitalistas” ainda nos dias de hoje, pode-se concluir que a “acumulação primitiva” é um processo em andamento, sustentado agora por aquelas que podem ser chamadas de “políticas neocoloniais”. Segundo Luxemburg (2003, p.351), para estas sociedades a resistência é a única opção, um “caso de vida ou morte”, pois disto depende a existência de suas bases materiais e condições de seus modos de vida “não-capitalista”. Por outro lado, para o capital, o uso da força aparece como a única solução para separar estas “economias nativas e naturais” de suas condições de existência e evitar que encontrem alternativas ao sistema de trabalho assalariado. Neste sentido, a “acumulação primitiva” é uma arma permanentemente usada não apenas na gênese do capitalismo, mas como um método violento de acumulação de forças produtivas que ainda ocorre em consequência imediata do choque entre capitalismo e organizações sociais “não-capitalistas”.

Uma outra forma de encontrar o caráter contínuo da acumulação primitiva é atentar para a continuidade da própria luta de classes como elemento constitutivo do capital. Segundo Angellis (1999, p.15), como para Marx a luta da classe trabalhadora é um elemento contínuo da relação de produção capitalista, o capital precisa continuamente se engajar em estratégias de acumulação primitiva para recriar as bases da própria acumulação e assim, “Objetos da acumulação primitiva se tornam também qualquer novo balanço de poder entre as classes que constituem a “rigidez” para aprofundar o processo capitalista de acumulação ou que vão na direção oposta a isso.”

*Acumulação primitiva como transferência de valor:
o enfoque da teoria de “sistemas-mundo”*

Em um sistema internacional de diferentes níveis de desenvolvimento capitalista existe uma outra implicação que permite aprofundar a caracterização da “acumulação primitiva”. Trata-se do aspecto deste tipo de acumulação como a exploração entre os diferentes graus de desenvolvimento do capital dentro de cada país e a transferência de valor dentro do sistema capitalista entre “não-capitalistas” e “capitalistas”, ou entre “espaços-colônia” e “espaços-metrópoles”, ou ainda, nos termos mais atualizados entre países ricos do Centro (desenvolvidos) e países pobres da Periferia (em desenvolvimento).

Este é o foco de abordagens marxistas como a de Samir Amin e a teoria da acumulação em escala mundial que fornece uma ideia sobre o conceito de “acumulação primitiva” como um movimento de acumulação de capital a favor dos países desenvolvidos do Centro, em detrimento dos países subdesenvolvidos da Periferia do sistema internacional capitalista. Segundo o autor;

Relações entre as formações dos “desenvolvidos” ou mundo avançado (o centro), e aqueles do mundo subdesenvolvido (a periferia) são afetadas por transferência de valor, e estas constituem a essência do problema da acumulação em escala mundial. Sempre quando o modo capitalista de produção entra em conta-

to com modos pré-capitalistas de produção, e sujeita estes últimos à sua lógica, transferências de valor da formação pré-capitalista para a formação capitalista ocorrem como resultado dos *mecanismos de acumulação primitiva*. Estes mecanismos não pertencem somente à pré-história do capitalismo; eles são igualmente contemporâneos. São estas formas de acumulação primitiva, modificadas mas persistentes, para favorecer a vantagem do centro, que constituem o domínio da teoria da acumulação em escala mundial.²⁰ (AMIN, 1974, p.3, tradução própria.)

Em diálogo com este tipo de abordagem estão as análises de autores como Braudel (1987) e Wallerstein (1979), que igualmente tomam como ponto de partida a "teoria do sistema-mundo" para a qual o sistema internacional capitalista está dividido em diferentes etapas de desenvolvimento, distinguindo países entre Centro e Periferia e assim influenciando toda a dinâmica das relações internacionais. Esta ideia pode ser compreendida resumidamente da seguinte maneira, nas palavras Braudel (1987) sobre a histórica condição periférica da nossa região sul-americana:

Claro que ela se limitou a seguir a conjuntura internacional. Mas quando são muitos a correr na mesma fila, de mãos dadas, há uma grande diferença entre os que vão à frente, nos primeiros lugares, a conduzir o movimento, e o último, que tem que dar os saltos prodigiosos que conhecemos. A América do Sul é realmente esse último, o que dá os saltos de carpa de que é o único a não poder rir. Tem que se precipitar e, se quiser vender custe o que custar, açúcar ou café, ou borracha, ou charque, ou nitratos, ou cacau, é sempre barato. E ei-la sempre apanhada em sucessivos ciclos, com as suas quebras bruscas, inopinadas. (BRAUDEL, 1987, p.404)

A partir da abordagem destes autores o caráter contínuo da acumulação primitiva pode ser entendido como parte do funcionamento sistêmico de uma economia mundial ou "sistema-mundo" dominado pelo capital, no qual a acumulação de capital em um lugar pode ser correspondente a acumulação primitiva em outro lugar e vice-versa. Conforme aponta Angellis (1999, p.11), a produção da "separação" pode ser vista como a condição da reprodução do mesmo tipo de "separação" em outro local do mundo interconectado pelo sistema capitalista. Neste sentido, a acumulação e suas várias formas coexistem continuamente e se reforçam mutuamente.

A "acumulação por espoliação" de David Harvey

Para o geógrafo marxista David Harvey, é uma desvantagem analítica relegar a acumulação baseada na predação, fraude e violência a um "estágio originário" do capitalismo. (HARVEY, 2004, p.108). Por isto e por motivos de terminologia o autor sugere atualizar o debate substituindo os termos "acumulação primitiva" por "acumulation by dispossession" (acumulação por espoliação).

Para o autor, no atual contexto do sistema capitalista "a incapacidade de reprodução ampliada em bases sustentáveis foi acompanhada por crescentes tentativas de acumular mediante espoliação" e assim, a importância da discussão sobre o conceito deve estar no centro da análise marxista. (HARVEY, 2004, p.96). Neste sentido, Harvey contradiz em certa medida a noção presente em Marx (1996, p.340), na qual a "Violência extra-econômica é ainda, é verdade, empregada, mas apenas excepcionalmente", para afirmar sua perspectiva de que a tendência no capitalismo

20. Citação no idioma original da obra de referência, Amin (1974, p.3): "Relations between the formations of the "developed" or advanced world (the centre), and those of the underdeveloped world (the periphery) are affected by transfers of value, and these constitute the essence of the problem of accumulation on a world scale. Whenever the capitalist mode of production enters into relations with pre-capitalist modes of production, and subjects these to itself, transfers of value take place from the pre-capitalist to the capitalist formations, as a result of the *mechanisms of primitive accumulation*. These mechanisms do not belong only to the prehistory of capitalism; they are contemporary as well. It is these forms of primitive accumulation, modified but persistent, to the advantage of the centre, that form the domain of the theory of accumulation on a world scale."

contemporâneo é que esta exceção se torne cada vez mais recorrente.

Na perspectiva de Harvey (2007, p.167), especialmente a partir do período que marcou a crise dos anos 1970, o capitalismo tem encontrado dificuldades para gerar crescimento econômico mediante a simples exploração do trabalho assalariado e, assim, a concentração de riqueza nas mãos dos mais ricos tem ocorrido cada vez mais mediante mecanismos de “acumulação por espoliação”, por sua vez, relacionados, em grande parte, à difusão das práticas econômicas do receituário “neoliberal”.²¹

Entre estas práticas identificadas com o neoliberalismo e destacadas pelo autor estão aquelas que podem ser relacionadas às conquistas de novos espaços para a acumulação de capital, como a privatização da terra; a expulsão forçada de camponeses; a eliminação de modos de produção e consumo autóctones; processos neocoloniais de apropriação de recursos naturais. (HARVEY, 2007a, p.165) Não obstante, o autor ressalta que desde a década de 1970 é possível notar uma relação entre aplicação dos princípios neoliberais e uma acelerada tendência de destruição dos bosques das selvas tropicais. (HARVEY, 2007a, p.180)

Assim, baseado na expressão de Marx de “destruição do espaço pelo tempo”, Harvey (2006a, p.48) procura problematizar o modo pelo qual “a teoria da acumulação se relaciona com a produção de estruturas espaciais”, através do conceito de “ajustes espaço-temporais” (*spatial fix*), que ajuda a explicar a função das infraestruturas, especialmente no setor de transportes, para a expansão geográfica da acumulação de capital. Segundo Harvey (2006b, p.99), o conceito de “ajuste espaço-temporal” funciona como “metáfora para um tipo de solução de crises capitalistas por meio do adiantamento do tempo e da expansão geográfica.” Neste sentido, a abordagem do processo de “acumulação por espoliação” feita pelo autor, conta com uma perspectiva geográfica do capitalismo que serve para explicar o modo pelo qual;

o capitalismo pode ganhar fôlego, espaço de respiro, para sua própria sobrevivência, acudindo ao “ajuste espaço-temporal”, em especial quando se combina com deslocamentos temporais [...]. É como se, a tentativa de aniquilar o espaço pelo tempo, fizesse com que o capitalismo comprasse tempo para si mesmo a partir do espaço que conquista e reajusta para atender à sua lógica de acumulação. (HARVEY, 2007b, p.359)

Arrighi (2008) em diálogo com a análise de Harvey e seu conceito de “*spatial fix*”, chama a atenção para o uso duplo do termo “*fix*”. Em suma, o autor argumenta que em um sentido metafórico, conforme empregado por Harvey, o termo “*fix*” pode ser traduzido e entendido tanto como “ajuste”, “conserto” ou “solução”, para destacar a “tendência bem-sucedida da acumulação de capital no estímulo incessante da redução e até na eliminação das barreiras espaciais”. (ARRIGHI, 2008, p.225) Como pode também, ser usado no sentido literal, como “fixação”, em referência ao ato de fixar algo no espaço. Em relação a este último, o que o autor procura ressaltar é a relação entre o que ele chama de “o capital fixo embutido na terra”, como o são os mais variados sistemas imóveis de infraestrutura (portos, ferrovias, hidrovias, rodovias, redes de distribuição de água, esgoto, energia, oleodutos, além de hospitais, escolas, indústrias, etc.) e as formas de capital fixo, porém, móveis, como as máquinas de

21. Esta relação entre a “acumulação por espoliação”, o período pós-crise de 1970 e o neoliberalismo é especialmente discutido por David Harvey em uma palestra divulgada em vídeo. (HARVEY, 2008)

produção que podem ser deslocadas e os meios de transporte (navio, caminhões, aviões, etc.). Neste sentido, Arrighi (2008, p. 226) procura fazer alusão ao uso do termo na compreensão daquilo que o autor chama de a “dependência da acumulação de capital com relação à existência de um ambiente de instalações construídas com esse fim”, pois, “somente ao fixar algumas estruturas físicas no espaço que o capital, em todas as suas formas fisicamente móveis, pode se mover de fato pelo espaço em busca de lucro máximo.”

Ao chamar a atenção para a crescente importância do processo de expansão geográfica do capital, a discussão conceitual proposta por Harvey permite demonstrar as relações dialéticas entre a aceleração da devastação causada pela mineração de ouro na Amazônia peruana e a valorização recorde do preço do ouro como um efeito da crise financeira mundial. Neste cenário, o impacto das crises do capital podem significar o avanço da “acumulação por espoliação” sob a forma de várias práticas violentas de acumulação em espaços de baixo desenvolvimento capitalista ou relativamente pouco explorados pelo capital. Por sua vez, estas práticas estão relacionadas ao modo de funcionamento do sistema capitalista que acaba, de certo modo, transferindo efeitos das crises do capital para espaços que ainda estão relativamente fora do sistema capitalista, mas que possuem abundância em riquezas naturais valiosas como o ouro. Segundo um grupo de pesquisadores sul-americanos liderados por Harvey, do *Centro Nacional de Estrategia para el Derecho al Territorio* (CENEDET), para o autor, existe uma relação dialética entre a reprodução ampliada de capital, através da produção e acumulação da mais valia na exploração da força de trabalho, e a acumulação por espoliação baseada no roubo direto dos valores de uso transformados em valores de troca através de processos de mercantilização. (MARTÍNEZ, 2015)

Os fatores que levaram a última grande crise econômica mundial são múltiplos e de longo prazo mas, pontualmente, faz-se referência ao “estopim” da crise de 2008 como o denominado “estouro da bolha” no mercado imobiliário norte-americano que quase levou à falência alguns dos grandes bancos dos EUA. Cerca de três meses após este episódio, como uma das principais estratégias de política econômica para socorrer o sistema bancário nacional, o Federal Reserve (FED), banco central dos EUA, lançou a primeira rodada do denominado “Quantitative Easing” (QE), que é o nome dado para a injeção de enormes quantias de dólares no sistema bancário dos EUA. Para combater à falta de liquidez ocasionada pela crise, através das consecutivas rodadas de “QE”, entre dezembro de 2008 e outubro de 2014, o FED passou a adquirir dos bancos grandes quantidades de ativos lastreados em hipotecas que aumentaram o valor do balanço mantido pelo banco de US\$ 1 trilhão para US\$ 4,5 trilhões. (BOARD OF GOVERNORS OF THE FEDERAL RESERVE SYSTEM, 2017)

Estas enormes quantias de dólares possui efeitos globais e de longo prazo sobre a economia mundial, a ponto de centralizar grande parte do debate sobre o atual papel hegemônico do poder financeiro dos EUA e do papel do dólar como principal moeda de troca internacional. Segundo Hudson (2010), por gerar instabilidade e especulação financeira, especial-

mente nas taxas de câmbio de outras moedas nacionais, o “QE” revela a faceta mais destrutiva e uma forma de “agressão financeira” do comportamento financeiro norte-americano, na qual parte dos ganhos para socorrer o sistema bancário dos EUA ocorre às custas de economias estrangeiras. Ao invés de funcionar como uma forma de estímulo ao crédito e investimento na economia nacional, como declarado pelo FED, nas palavras do autor,

Os próprios gestores do dinheiro dos EUA estão liderando uma fuga de capital para fora da economia doméstica para comprar moedas estrangeiras e ações, ouro, e outras matérias-primas, ações, e empresas inteiras com crédito barato de dólar.[...] De fato, a conquista financeira está buscando hoje aquilo que a conquista militar fez em tempos passados: controle de terras e de infraestrutura básica, indústria e mineração, sistemas bancários e até de finanças dos governos para extrair o excedente econômico na forma de juros ou como um tipo de cobrança de pedágio.²² (HUDSON, 2010, p.2-3, tradução própria)

22. Citação no idioma da obra de referência, Hudson (2010, p.2-3): “US money managers themselves are leading a capital flight out of the domestic economy to buy up foreign currencies and bonds, gold, and other raw materials, stocks, and entire companies with cheap dollar credit.[...] In fact, financial conquest is seeking today what military conquest did in times past: control of land and basic infrastructure, industry and mining, banking systems and even government finances to extract the economic surplus as interest and tollbooth-type economic rent charges.”

Historicamente, em tempos de crise financeira e incertezas no mercado mundial é comum investidores apostarem no ouro como uma reserva mais segura de valor, ou “safe-heaven” nos termos do mercado, aumentando assim a demanda pelo metal em face à desvalorização do dinheiro, especialmente do dólar dos EUA devido ao seu papel como principal moeda de troca internacional. Assim, particularmente desde o fim dos acordos de Bretton Woods e fim do padrão ouro-dólar, existe uma relação inversamente proporcional entre a cotação do dólar e a cotação do preço do ouro. Neste sentido, somado a um contexto de desconfiança quanto à própria capacidade de recuperação da economia dos EUA no pós-crise de 2008, o período de valorização do preço do ouro no mercado mundial corresponde ao período de escalada na inflação do dólar, em grande parte induzida pelo FED, através das rodadas de “QE”.

Assim, o exemplo das relações entre processos como a devastação ambiental causada pela “febre do ouro” em Madre de Deus e o ciclo de valorização recorde do ouro, por sua vez, relacionado à inflação do dólar induzida pelo “QE” como uma das principais medidas do banco central dos EUA para lidar com a crise financeira de 2008, resume boa parte da forma como as dinâmicas de acumulação de capital se articulam internacionalmente em diferentes escalas geográficas e em diferentes níveis de coerção e consentimento. Em suma, nas palavras de Harvey (2003, p.152),

A implicação é a de que territórios não-capitalistas devem ser forçados a se abrir não apenas ao comércio (o que pode ser útil) mas também de modo a permitir ao capital investir em empreendimentos lucrativos utilizando força de trabalho e matérias primas mais baratas, terras de baixo custo, e afins. A junção entre coerção e consentimento inserida em tal atividade de barganha varia consideravelmente, mas nós podemos notar mais claramente como a hegemonia se constrói através de mecanismos financeiros no sentido de beneficiar o poder hegemônico enquanto encaminha os Estados subalternos para o alegado Caminho Dourado do desenvolvimento capitalista. O cordão umbilical que liga a acumulação por espoliação com a reprodução expandida é aquele dado pelo capital financeiro e instituições de crédito, apoiados, como sempre, por poderes do Estado.²³ (tradução própria)

23. Citação no idioma da obra de referência, Harvey (2003, p.152): “The implication is that non-capitalist territories should be forced open not only to trade (which could be helpful) but also to permit capital to invest in profitable ventures using cheaper labor power, raw materials, low cost land, and the like. The mixture of coercion and consent within such bargaining activity varies considerably, but we can now more clearly see how hegemony gets constructed through financial mechanisms in such a way as to benefit the hegemon while leading the subaltern states on the supposedly Golden path of capitalist development. The umbilical cord that ties together accumulation by dispossession and expanded reproduction is that given by finance capital and institutions of credit, backed, as ever, by state powers.”

Conclusões

Conforme a perspectiva apresentada no artigo, uma vez que os processos de “acumulação primitiva” parecem ganhar cada vez maior importância para o entendimento de boa parte das formas pelas quais a

reprodução do sistema capitalista ocorre atualmente, pode se dizer que, uma das tendências do acirramento destes processos é a crescente importância do movimento de resistência dos povos autóctones e de seus modos de vida para a construção da luta do movimento revolucionário. Assim como as lutas das demais organizações sociais que, de certa forma, procuram escapar aos grilhões do trabalho assalariado e ir contra os processos de expropriação engendrados pelo capital, as formas de luta revolucionária devem envolver a participação e a organização da resistência de sociedades nativas amazônicas, defendendo propostas como, por exemplo, a demarcação de terras indígenas e um tipo de desenvolvimento econômico voltado para a preservação ambiental do espaço e por consequência, preservação dos modos de vida dos povos nativos.

Apesar do relativo isolamento geográfico que possuem em relação aos grandes centros de acumulação de capital e, também, devido a este isolamento, estarem relativamente marginalizados no que diz respeito à atenção de movimentos revolucionários que acabam sendo forjados principalmente nas grandes cidades do planeta e ganham assim maior atenção da própria academia científica, a luta destes povos passa a merecer um maior destaque dentro dos estudos marxistas, na medida em que se transformam em novos focos de lutas anti-capitalistas que, ademais, expõe os altos níveis de violência que o capital pode engendrar em regiões remotas e em sociedades fatalmente vulneráveis ao processo de “destruição do espaço pelo tempo”.

A releitura conceitual proposta ao longo do texto cumpre com o objetivo de encontrar a validade atual de uma abordagem marxista sobre a devastação ambiental causada pela mineração de ouro ao redor da rodovia interoceânica em Madre de Dios. Esta devastação guarda características ímpares que, por sua vez, possuem uma relação especial com a perspectiva sugerida por David Harvey ao tratar dos aspectos da expansão geográfica do capital e da “acumulação por espoliação”. A contribuição de Harvey para atualizar o debate acerca da “acumulação primitiva”, além de reafirmar, conforme uma determinada gama de outros autores marxistas, a noção de que este tipo de acumulação não deve ser entendido como algo externo ou presente apenas no passado original do sistema capitalista, mas sim como parte de um processo interno e contínuo do capital, encontra-se também na atenção especial fornecida pelo autor na exploração do significado da expressão de “destruição do espaço pelo tempo” a partir do pensamento de Marx. Através disto, Harvey permite visualizar o movimento espacial da acumulação de capital e explicar as relações espoliadoras entre diferentes escalas geográficas conectadas pelas ofertas e demandas do capital. Assim, é possível estabelecer o vínculo entre os efeitos das crises do capital, a devastação ambiental das florestas amazônicas, a morte e desaparecimento de sociedades indígenas e o investimento em grandes obras de infraestruturas de transporte como uma perene necessidade do capital em sua relação com o espaço.

A construção de infraestruturas modernas, como uma rodovia, em espaços outrora isolados da floresta amazônica, ao facilitar maiores empreendimentos do capital e de seus processos de acumulação voltados para atender às demandas do mercado mundial, acaba ocasionando processos exemplares para a abordagem dos primeiros momentos de vio-

lência explícita referentes ao processo de uma nova “produção capitalista de espaços”. Além disso, o caminho percorrido pelo ouro até seu destino final de consumo mostra como, em Madre de Dios, se confundem processos de acumulação de capital dos mais avançados, como o financiamento de megaprojetos de infraestrutura realizados pelo Estado, ou como o simples roubo e espoliação de recursos naturais, passando pela mais crua exploração da força de trabalho e pelo crime organizado internacional.

Retornando à base conceitual da acumulação primitiva em Marx, talvez o mais claro exemplo do efeito nocivo da mineração sobre o espaço de Madre de Dios e sobre o modo de vida das comunidades que ali habitam - para além das imagens que mostram a transformação de rios inteiros e milhares de hectares de floresta em paisagens desérticas -, está na contaminação invisível do espaço de Madre de Dios, ocasionada pelas toneladas de mercúrio líquido usado em larga escala no processo final da mineração de ouro aluvial e depois despejados no meio ambiente. O mercúrio está nas áreas de mineração e no ambiente das cidades, presente na água dos rios, solos e ar, chegando aos seres humanos através da água consumida, chuva ácida, inalação de maiores concentrações do vapor de mercúrio na atmosfera e pela ingestão de pescados, que são uma das principais fontes de proteína animal na dieta das comunidades nativas e demais habitantes de MdD. Depois que estudos revelaram que quase a metade da população apresentava uma concentração de mercúrio muito superior ao limite de referência para a saúde humana, em 2016, o governo declarou “estado de emergência” em MdD, obrigando a tomar medidas paliativas como a proibição do consumo de certos tipos de peixes, assistência hospitalar e distribuição de alimentos. (PERÚ, 2016)

Por fim, o estudo dos efeitos do processo de acumulação primitiva sobre povos nativos amazônicos requer a compreensão de um aspecto particular da perversidade histórica do capital e sua necessidade em “separar” os indivíduos de seus meios próprios de produção e “destruir o espaço pelo tempo”. Esta particularidade pode ser expressa a partir do aspecto destacado nas palavras de Rosa Luxemburg como um “caso de vida ou morte”. Neste sentido, a ideia presente no pensamento de Marx, segundo a qual a expansão do capital é uma fase necessária para o acirramento da luta de classes e despertar do movimento revolucionário para a superação do modo capitalista, leva a indagar sobre as reais possibilidades que estes “povos da floresta” possuem de sobreviver a estes processos de acumulação do capital e transformação e ainda continuarem vivos enquanto sociedades com costumes, identidades e formas próprias de apropriação pré-capitalista do espaço da Amazônia.

Referências

- ALBERT, Bruce. **Ouro canibal e a queda do céu: uma crítica xamânica da economia política da natureza** (o). Brasília: Universidade de Brasília, 1995. (Serie antropologia/universidade de Brasília; 0174)
- ALVES, Diógenes. S. O processo de desflorestamento na Amazônia. **Parcerias Estratégicas**, n.12, p. 259-275, 2001.
- AMIN, Samir. **Accumulation on a world scale: a critique of the theory of underdevelopment**. New York: Monthly Review Press. 1974.

ANGELLIS, Massimo De. *Marx's theory of primitive accumulation: a suggested reinterpretation*. London: University of East London. Mar. 1999.

ARRIGHI, Giovanni. **Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2008.

ARROYO, Lenin Valencia. **Madre de Dios: ¿Podemos evitar la tragedia? Políticas de Ordenamiento de la Minería Aurífera**. Prolongación Arenales: Sociedad Peruana de Derecho Ambiental. 2014.

ASNER, Gregory P. et al. Elevated rates of gold mining in the Amazon revealed through high-resolution monitoring. *PNAS*, v. 110, n. 46, 2013. Available in: <<https://cao.carnegiescience.edu/publication/elevated-rates-of-gold-mining-in-the-amazon-revealed-through-high-resolution-monitoring>>. Access in: 30 maio 2017.

BOARD OF GOVERNORS OF THE FEDERAL RESERVE SYSTEM. Credit and Liquidity Programs and the Balance Sheet. Washington: Federal reserve, 27 Oct. 2017. Disponível em:<https://www.federalreserve.gov/monetarypolicy/bst_recenttrends.htm>. Acesso em: 30 out. 2017.

BRAUDEL, Fernand. **Gramática das Civilizações**. Tradução de Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1987.

CASTILLA, Óscar; AMANCIO, Nelly Luna; LÓPEZ, Fabiola Torres. Oro sucio: la pista detrás del London Bullion Market: La historia secreta de las compañías que financiaron con millones de dólares la compra del oro ilegal en Sudamérica. **Ojo Público**, 9 jun. 2015. Disponible: <<http://ojo-publico.com/oro-sucio-la-pista-detras-del-london-bullion-market/>>. Acceso en: 30 out. 2017.

CINCO bandas de sicarios se disputan el oro ilegal que se extrae en La Pampa. *La República*, 4 Jul. 2016. Disponible: <<http://larepublica.pe/sociedad/952849-cinco-bandas-de-sicarios-se-disputan-el-oro-ilegal-que-se-extrae-en-la-pampa>>. Acceso en: 30 out. 2017.

FEDERACIÓN NATIVA DEL RIO MADRE DE DIOS Y AFLUENTES. Pueblos indígenas em aislamiento. Puerto Maldonado Madre de Dios: FENAMAD, 2016. Disponible:<<http://www.fenamad.org.pe/piav/pueblos-indigenas-en-aislamiento/>>. Acceso en: 30 out. 2017.

FINER M.; OLEXY T.; NOVOA S. **Gold Mining Deforests 32,000 Acres in southern Peruvian Amazon from 2013 to 2016**. MAAP: 50. 2016. Disponível em: <http://maaproject.org/2016/peru_gold/> Acesso en: 30 out. 2017.

FINER M.; OLEXY T.; NOVOA S. **Gold Mining Increases in the Buffer Zone of Tambopata National Reserve**. MAAP: 60. 2017. Disponível em:<http://maaproject.org/2017/buffer_tambopata_2017/> Acesso en: 30 out. 2017.

GLOBAL INITIATIVE AGAINST TRANSNATIONAL ORGANIZED CRIME. Organized crime and illegally mined gold in Latin America. [S.l.]: The Global Initiative Against Transnational Organized Crime, 2016. Available in:<<http://globalinitiative.net/documents/organized-crime-and-illegally-mined-gold-in-latin-america/>>. Access in: 30 out. 2017.

GOLD: latest price e chart for CBOT gold 100 oz. [S.l.]: Nasdaq, 2017. Available in: <<http://www.nasdaq.com/markets/gold.aspx?timeframe=10y>>. Access in: 30 out. 2017.

GOLDPRICE. [S. l.]: Do Autor, 2002. Available in: <<https://goldprice.org/>>. Access in: 30 out. 2017.

HARVEY, David. **The new imperialism**. Oxford: Oxford University Press. 2003.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. Tradução Carlos Szlak. São Paulo: Annablume, 2006a.

HARVEY, David. O "Novo" imperialismo: acumulação por espoliação. In: PANITCH, Leo; LEYS, Colin (Ed.) **Socialist register 2004** : O novo desafio imperial. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2006b.

HARVEY, David. **Breve historia del neoliberalismo**. Madrid: Akal, 2007a.

HARVEY, D. **Espacios del Capital: hacia una Geografía Crítica**. Tradução; Cristina Piña Aldao. Madrid: Ed. Akal, 2007b.

HARVEY, David. **Reading Marx's capital: volume 1: Class 12, Chapters 26-33**. YouTube, 4 de Setembro de 2008. Available in:<<http://davidharvey.org/2008/09/capital-class-12/>>. Acesso em: 30 out. 2017.

HUDSON, Michael. US "Quantitative easing" is fracturing global economy. *Levy Economics Institute. Working Paper*, n.639, Nov. 2010.

LUXEMBURG, Rosa. *The accumulation of capital*. London: Routledge, 2003.

- INSTITUTO NACIONAL DE ESTADISTICA E INFORMATICA. Población 2000 al 2015. [S.l.]: INEI, 2017. Disponible: < <http://proyectos.inei.gob.pe/web/poblacion/>>. Acceso en: 30 out. 2017.
- INTEGRAÇÃO DA INFRA-ESTRUTURA REGIONAL NA AMÉRICA DO SUL. **América del Sur 2020: una visión estratégica de la integración física regional**. Caracas: BID-CAF-FONPLATA, 2003. Disponível em: < http://www.iirsa.org/admin_iirsa_web/Uploads/Documents/venezuela%20presentaci%C3%B3n%20taller%20de%20trabajo%20visi%C3%B3n%20estrat%C3%A9gica.pdf>. Acesso em: 30 out. 2017.
- MARTÍNEZ, Estefanía et al. **Ni colonialistas nisimpáticos: una respuesta a Eduardo Gudynas**. La línea de fuego, 13 Oct. 2015. Disponible: <<https://lalineadefuego.info/2015/10/13/ni-colonialistas-ni-simpaticos-una-respuesta-a-eduardo-gudynas/>>. Acceso en: 30 out. 2017.
- MARX, Karl. **Grundrisse**. Tradução de Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo. 1858.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro primeiro: o processo de produção do capital: tomo 2**. São Paulo: Nova Cultura, 1996. (Os Economistas).
- MONITORING OF THE ANDEAN AMAZON PROJECT. **MAAP #60: gold mining increases in buffer zone of tambopata national reserve**. Peru: MAAP, 2017. Available in: < http://maaproject.org/2017/buffer_tambopata_2017/>. Access in: 30 out. 2017.
- ORGANISMO SUPERVISOR DE LA INVERSIÓN EN INFRAESTRUCTURA DE TRANSPORTE DE USO PÚBLICO. **IIRSA SUR: tramo 3: Inambari – Iñapari**. Lima: OSITRAN, 2017. Disponible: <<https://www.ositran.gob.pe/carreteras/iirsa-sur-tramo-3-inambari-inapari.html>>. Acceso en: 30 out. 2017.
- PERELMAN, Michael. **The invention of capitalism: classical political economy and the secret history of primitive accumulation**. Durham: Duke University Press, 2000.
- PERÚ. Ley n. 30077. Ley contra el crimen organizado. **El Peruano**, 20 ago. 2013. Disponible: < <http://busquedas.elperuano.com.pe/normaslegales/ley-contra-el-crimen-organizado-ley-n-30077-976948-1/>>. Acceso en: 30 out. 2017.
- PERÚ. Ministério del Ambiente. **Gobierno declara el estado de emergencia en once distritos de las provincias de Tambopata, Manu y Tahuamanu por contaminación con mercurio**. San Isidro: MA, 2016. Disponible: <<http://www.minam.gob.pe/notas-de-prensa/gobierno-declara-el-estado-de-emergencia/>>. Acceso em: 30 out. 2017.
- PERÚ. Ministério del Ambiente. **Interdicción en La Pampa, Madre de Dios**. San Isidro: MA, 2017. Disponible: <<http://www.minam.gob.pe/prensa/entrevistas/interdicion-en-la-pampa-madre-de-dios/>>. Acceso en: 30 out. 2017.
- RELEA, Francesc. **La fiebre del oro ilegal hace estragos en Madre de Dios: la minería informal, ejercida en condiciones durísimas, ha devastado miles de hectáreas en la Amazonia peruana**. El País, Madre de Dios, 21 jul. 2012. Disponible: < https://elpais.com/internacional/2012/07/21/actualidad/1342893208_268998.html>. Acceso en: 30 out. 2017.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Ou inventamos ou erramos: encruzilhadas da integração regional sul-americana. In: VIANA, André Rego; BARROS, Pedro Silva; CALIXTRE, BOJKIAN, André (Org.). **Governança global e integração da América do Sul**. Brasília: IPEA, 2011. Cap.4, p.133-176.
- SMITH, Adam. **A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os economistas)
- STAVENHAGEN, Rodolfo. **Sociología y subdesarrollo**. México Nuestro Tiempo, 1981.
- SWENSON, Jennifer J. et al Gold mining in the peruvian Amazon: global prices, deforestation, and mercury imports. **PLOS One**, v. 6, n. 4, Apr. 2011. Available in: <<http://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0018875>>. Acesso em: 30 maio 2017.
- FRIEDLI, Anna; WIEDMER, Christoph (Ed.). The responsibility of the gold refineries in human rights violation and illegal activities in Peru. Schermenweg: Society for threatened Peoples, 2014. Available in: < https://www.gfbv.ch/wp-content/uploads/stp_report_gold_march2014.pdf>. Access in: 30 out. 2017.
- VEIGA, Marcello Mariz da; SILVA, Alberto Rogério Benedito da; HINTON, Jennifer J. O garimpo de ouro na Amazônia: aspectos tecnológicos, ambientais e sociais. In: TRINDADE, Roberto de Barros Emery; BARBOSA FILHO, Olavo (Ed.). **Extração de ouro: princípios, tecnologia e meio ambiente**. Rio de Janeiro: Centro de Tecnologia Mineral, 2002. Cap. 11, p. 277-305.
- WALLERSTEIN, Immanuel. **The capitalist world economy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.